

Do vandalismo ao protesto: análise de conteúdo da cobertura do jornal *Zero Hora* sobre as manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre

From vandalism to the protest: content analysis of Zero Hora's newspaper coverage of the clamor against the increase in bus fare in Porto Alegre

Norberto Kuhn Junior¹
Andréia Poerschke Sarmanho²

Resumo

O artigo apresenta uma análise dos conteúdos veiculados pelo jornal *Zero Hora* na cobertura das manifestações contra o aumento da tarifa de ônibus em Porto Alegre, de março a meados de junho de 2013. Buscando evidenciar o posicionamento do veículo ante os fatos, o trabalho conta com a base teórica de Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld, difusores da análise de conteúdo na comunicação, seguindo os passos propostos por Heloisa Herscovitz, de seleção e codificação da amostragem, junto às unidades de registro propostas por Laurence Bardin, para qualificar os elementos. Ainda na análise, trabalham-se conceitos de Pierre Bourdieu e Max Weber, para a compreensão do espaço social, das forças que nele se revezam e da mídia como agente político. Os resultados identificam posicionamentos distintos, por parte do jornal, em dois momentos: primeiro, há desqualificação da causa e busca por legitimar autores, responsabilizando movimentos de esquerda; e, no segundo momento, com a reafirmação da não liderança em âmbito nacional e a negação popular das instituições legítimas, o movimento é abordado como “espontâneo” e ganha mais espaço nas páginas de *Zero Hora*. A mudança de abordagem desvela a condição dos veículos de comunicação como agentes políticos na estrutura de dominação, detentores de um poder simbólico reconhecido e influente no campo

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Professor e pesquisador da Universidade Feevale do Programa de Diversidade e Cultural e Inclusão Social e do Mestrado Profissional em Indústria Criativa. Integra o grupo de pesquisa do CNPq Metropolização e Desenvolvimento Regional.

² Acadêmica de pós-graduação – Especialização em Jornalismo e Convergência de Mídias na Universidade Feevale, em Novo Hamburgo. Jornalista graduada em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo pela Universidade Federal do Pampa (Unipampa) campus São Borja.

Contatos: andreiasarmanho@gmail.com; nkjunior@feevale.br

de forças sociais, buscando a garantia de condições favoráveis no espaço social para assegurar a manutenção da sua posição e sua reprodução.

Palavras-chave: Manifestações; Transporte Público; Análise de Conteúdo; Espaço Social; Zero Hora.

Abstract

This paper presents an analysis of the content published by Zero Hora newspaper in the coverage of protests against the bus fare increase in Porto Alegre, March 2013. In an attempt to clarify about the facts, this study has the theoretical basis of Harold Lasswell and Paul Lazarsfeld, diffusers of content analysis on communication, also following the steps proposed by Heloisa Herscovitz concerning the selection and coding of samples, along with the registration units proposed by Laurence Bardin, to qualify the elements. The analysis also works with Pierre Bourdieu and Max Weber, understanding the social space, the forces that take turns in it and the media as a political agent. The results identify different positions in two stages: at first, the disqualification of the cause and the trying to legitimate leftist movements. On the other hand, the second phase shows that with a reaffirmation of non-leadership at national level and the denial of legitimate institutions, the movement in the streets has increased Zero Hora pages. The change in the newspaper's speech reveals the condition of the media as political agents in the structure of domination. They have a recognized symbolic power and influence in the field of social forces, seeking to guarantee favorable conditions in the social space to ensure the maintenance of its position and its reproduction.

Keywords: Protests; Public transport; Content analysis; Social space; Zero Hora newspaper.

Introdução

No mês de março de 2013, a cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul, começou a observar a indignação converter-se em movimento³. Com o aval da Prefeitura Municipal, a tarifa do transporte público foi reajustada, no dia 21, para o valor de R\$ 3,05 – configurando aumento de 7,02% em relação à tarifa anterior, de R\$ 2,85. O valor havia sido estipulado na

³ Abordamos o conceito de movimento social a partir da definição de Ilse Scherer-Warren, que os entende como “ação grupal para a transformação (a práxis), voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção)” (SCHEREN-WARREN, 1989, p.20).

manhã do mesmo dia pelo Conselho Municipal de Transporte Urbano (Comtu) e chegou a entrar em vigor no dia 26. Já no dia seguinte, pela primeira vez nesse período, os manifestantes seriam notícia. Fazendo uma análise do conteúdo jornalístico em textos veiculados pelo jornal *Zero Hora* – principal veículo de mídia impressa da maior rede de comunicação do sul do Brasil, a Rede Brasil Sul (RBS) –, vamos buscar evidenciar neste trabalho o posicionamento do veículo em relação às manifestações em dois momentos. Primeiro, sobre como elas foram abordadas entre os meses de março e abril, durante os primeiros atos após o anúncio do reajuste da tarifa de ônibus, e depois, no mês de junho, quando o movimento cresceu em número de manifestantes e, também, de reivindicações.

Através desta análise, podemos perceber como a mídia tradicional⁴ valoriza os acontecimentos, como se posiciona, mediante a forma como os qualifica, o espaço dado a eles, dentre outras variáveis. Partiremos do pressuposto de que, mesmo na condição de notícia, essas narrativas “não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias acontecem na conjunção de acontecimentos e textos” (TRAQUINA, 1999, p. 168). Valeremos-nos, assim, de informações contextuais, para que seja possível entrarmos no campo das *inferências* que irão balizar esta análise.

A primeira contextualização necessária é em relação ao veículo escolhido: o jornal *Zero Hora*. Fundado no dia 4 de maio de 1964, no mês seguinte à instalação da ditadura militar no Brasil, *Zero Hora* substituiu o jornal *A Última Hora*, fechado logo após o golpe. A Rede Brasil Sul (RBS) assumiu o controle acionário do jornal, consolidando sua inserção em todas as mídias a partir daquele momento e perpetuando-se até hoje como o maior conglomerado de comunicação do sul do Brasil, além de afiliada da Rede Globo. O jornal *Zero Hora* é, atualmente, o mais lido no Rio Grande do Sul⁵ e o 6º maior jornal de circulação paga no Brasil⁶.

A segunda contextualização a ser considerada é a posição assumida pelos veículos caracterizados como componentes da “grande mídia” ante as

⁴ Aqui, o conceito de “mídia tradicional” não se refere ao sentido tecnológico (mídias tradicionais *versus* mídias digitais), mas sim ao seu posicionamento enquanto agente de comunicação de massa e de manutenção do *status quo*.

⁵ Pesquisa encomendada pelo governo Tarso Genro, em 2013, ao instituto Foco Opinião aponta que *Zero Hora* lidera com 52,9% frente aos demais jornais em circulação no estado.

⁶ Ranking de 2013 da Associação Nacional dos Jornais (ANJ).

manifestações que eclodiram em todo o país. Levemos em consideração que as notícias tendem a defender o *status quo*, como explica Soloski (1999, p. 97):

O *news judgement* exige que os jornalistas partilhem as pressuposições acerca do que é normal em sociedade, uma vez que a noticiabilidade de um acontecimento está relacionada com o afastamento daquilo que se considera normal. Ao concentrar-se no desvio, no estranho e no insólito, os jornalistas defendem implicitamente as normas e os valores da sociedade. Como as fábulas, as “estórias” noticiosas contêm uma moral oculta.

Stuart Hall também reflete o papel do jornalismo de mediar e de selecionar o que terá ou não visibilidade, mas chama a atenção para as interpretações fornecidas para a compreensão do que é noticiado: “Implícitas nessas interpretações estão as orientações relativas aos acontecimentos e pessoas ou grupos nela envolvidos” (HALL et al., 1999, p. 228). Assim, o jornalismo, através de sua função mediadora, opta por sustentar ou descartar, por legitimar ou não e por impulsionar a efervescência social ou manter o *status quo*.

Em Porto Alegre, houve um momento em que o jornal *Zero Hora* passou a ser alvo, não apenas ideologicamente, mas também no campo físico, com sua sede constantemente sob ameaça de depredação. Nessa fase, os atos passaram a terminar em sucessivos confrontos com a Brigada Militar⁷. Sob acordo prévio ou não, diferente das caminhadas realizadas em março, o trajeto dos manifestantes deixou de ser a esmo – era sempre conduzido à Avenida Ipiranga, onde está situada a sede do jornal *Zero Hora*.

Isto aconteceu durante o período que chamaremos aqui de *segunda fase* das manifestações – quando, mesmo após conquistar a manutenção da tarifa de ônibus no valor anterior ao do reajuste, o grupo passou a integrar um calendário nacional de mobilizações. Convocada e difundida por meio das redes sociais, a programação levou jovens de várias capitais e grandes cidades brasileiras às ruas, em atos simultâneos⁸, com uma amplitude maior e, até, particular de causas.

⁷ A Brigada Militar (BM) do Rio Grande do Sul, assim batizada em 1892, corresponde a Polícia Militar (PM) dos outros estados.

⁸ Nesta fase, as manifestações tiveram grande repercussão na mídia, chegando a serem transmitidas ao vivo, ganhando destaque nas emissoras nacionais e até internacionais, como a britânica BBC e a norte-americana CNN, além de estamparem as páginas de jornais como The New York Times, Le Monde e El País.

A partir dessa base contextual e buscando alcançar os objetivos propostos neste artigo, trabalharemos com a análise de conteúdo baseada nas principais adjetivações atribuídas ao movimento e aos manifestantes e o espaço dado a eles na publicação. Faremos também a avaliação do significado do discurso analisado a partir de teorias que levem em consideração o papel e a atuação da mídia no chamado espaço social.

1 Proposta metodológica

1.1 Sobre a análise de conteúdo

Para a realização da análise da amostra escolhida, vamos refletir sobre o que é e como se dá esse processo de análise de conteúdo. Podemos resumir, com base nas várias conceituações existentes, a análise de conteúdo como um método das ciências sociais e humanas que se utiliza de várias técnicas de pesquisa para investigar fenômenos simbólicos.

Já empregado anteriormente em áreas como a Sociologia, o método só passou a ser usado para o estudo dos conteúdos midiáticos a partir do início do século XX. Seu difusor na comunicação foi Harold Lasswell, em 1927, determinando que “a análise de conteúdo descrevia com objetividade e precisão o que era dito sobre um determinado tema, num determinado lugar e num determinado espaço” (HERSCOVITZ, 2007, p. 123). Num segundo momento, Lasswell, em parceria com outro estudioso da comunicação, Paul Lazarsfeld, define a base teórica da análise de conteúdo da comunicação. Com bases positivistas, as análises eram baseadas numa dimensão quantitativa, que passou a ser criticada nas décadas seguintes por correntes que defendiam uma leitura qualitativa das informações, que levasse em consideração inferências necessárias às análises.

Hoje, a tendência “desfavorece a dicotomia entre o quantitativo e o qualitativo, promovendo uma integração entre as duas visões” (HERSCOVITZ, 2007, p. 126). Essa convergência favorece a interpretação do conteúdo manifesto e do conteúdo latente, constituindo uma técnica mais adequada para a aplicação no produto jornalístico, como observam Machado e Palacios (2007, p. 2): “neste modelo híbrido, procedimentos de pesquisa qualitativa e quantitativa são ações complementares no processo contínuo de compreensão conceitual sobre a produção de informações nas organizações jornalísticas”.

Para a aplicação do método, seguiremos os passos propostos por Herscovitz (2007). O primeiro diz respeito à seleção da amostragem. Para isso,

vamos nos concentrar no objetivo da análise, já fazendo uma inferência: observar as mudanças na abordagem do veículo a respeito das manifestações em Porto Alegre. Para observar essas mudanças, vamos segmentar as manifestações em *duas fases*, sendo a primeira em março e início de abril, e a segunda no mês de junho. Faremos, então, uma análise do conteúdo de duas edições do jornal *Zero Hora* referentes a cada uma dessas fases – quatro edições, no total –, fazendo uma avaliação da capa e do texto da matéria referente à manifestação noticiada.

A segunda etapa será a de codificação, na qual acontece a classificação e interpretação do conteúdo. Nela, vamos definir os conceitos que vão guiar a análise, nomeá-los e definir como serão medidos na amostra. Neste trabalho, as unidades de registro versarão sobre os elementos propostos por Bardin (2002): *objetos de actitud* (sujeitos), que são os agentes sobre os quais recaem as avaliações, como pessoas, grupos, ideias; *términos evaluativos de significado común* (predicados), que qualificam os sujeitos, compostos por adjetivos, advérbios ou palavras positivas e negativas relacionadas a eles; e *conectores verbales*, que fazem a ligação entre sujeitos e predicados.

Estabelecemos quatro categorias às quais iremos vincular estas expressões extraídas da amostra: *Liderança* (delegação de poder ou responsabilidade), *Causa* (bandeiras de luta), *Desqualificação* (registro de atos negativos) e *Qualificação* (registro de atos positivos). Vamos quantificar o espaço dado à cobertura pelo número de páginas, em dois momentos: páginas da reportagem dedicada à cobertura das manifestações em Porto Alegre e páginas abordando os protestos em geral, no Brasil. O aspecto final diz respeito à composição da capa e das imagens utilizadas pelo veículo nas matérias, que vamos quantificar e classificar em duas categorias: *Vandalismo* (depredações e confrontos) e *Protesto* (massa pacífica, manifestantes/personagens e cartazes).

1.2 Marco teórico para o estudo da mídia como agente político: as relações de poder no espaço social

A partir da análise de conteúdo, com base nas categorias citadas, passamos à outra etapa do nosso estudo: identificar, no discurso do jornal, as estratégias de marcação de posição da mídia no campo social. Para isso, vamos partir dos conceitos de espaço social, poder simbólico e capital cultural, de Pierre Bourdieu, buscando refletir sobre o papel dos veículos de comunicação, enquanto agentes do campo midiático. Vale também a observação a respeito dos fatores que conferem poder às empresas de comunicação, e como elas se

utilizam dele, enquanto agentes políticos dentro das estruturas de dominação, conforme outra abordagem utilizada, de Max Weber.

A partir da noção de espaço social de Pierre Bourdieu (1996), portanto, podemos observar como o campo midiático coexiste com os demais campos, indo além, e até exercendo influência sobre eles. É nele que acontecem as relações que aqui procuramos analisar, representando, basicamente, um espaço de diferenças constituídas mediante a distribuição de diversos fatores de influência. Conforme a definição de Bourdieu (1996, p. 19), que propõe a observação do espaço social, ele “é construído de tal modo que os agentes ou grupos são distribuídos em função de sua posição nas distribuições estáticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] – o capital econômico e o capital cultural”.

Assim, a posição ocupada pelos agentes existentes neste espaço, é determinada pela quantidade de energia política – econômica ou cultural – que vem a ser o “capital”, nesse contexto. As empresas de comunicação, por sua natureza, são reconhecidas detentoras de um capital cultural incorporado a sua atividade, com o poder de selecionar, agendar, dar visibilidade e legitimar.

Esse poder, que chamaremos de “poder simbólico” (BOURDIEU, 1989), reside na capacidade de fazer com que as pessoas façam aquilo que desejamos, tendo validade enquanto for reconhecido e aceito pelo outro. Aqueles que o têm em maior quantidade, são profissionais do poder e, dependendo da posição que ocupam, atuam pela transformação ou pela manutenção deste espaço social. As empresas de comunicação são grandes detentoras de poder simbólico, logo, constituindo-se importantes agentes políticos.

Na linha teórica de Weber (1996), são abordadas as estruturas de dominação, também pertinentes a esta análise. Em seu topo, existe o Estado, que preza pela manutenção de uma determinada ordem social, inclusive valendo-se do status de detentor legítimo do “direito à violência”. A política, aqui, por sua vez, é o “conjunto de esforços feitos com vistas a participar do poder ou a influenciar a divisão do poder” (p. 56).

Os veículos de comunicação são, portanto, agentes políticos socialmente influentes em atividade na estrutura de dominação. Nem sempre voltados a legitimar a ação do Estado, mas, como detentores de poder, são interessados em manter a posição em seus campos de ação, prezando, também, por uma ordem social favorável a sua reprodução, valendo-se do seu capital cultural, mas submetidos também ao poder do capital econômico.

A apropriação dos conceitos expressos neste marco teórico permite a compreensão no contexto social do fenômeno. A seguir, através da análise de conteúdo e da apropriação destas definições, podemos, então, averiguar se o discurso se modifica e inferir o porquê dessas mudanças.

2 Análise de conteúdo

Como explicitamos na proposta metodológica, esta análise segmentará a cobertura que constitui a amostra em dois momentos, que chamaremos aqui de *primeira fase* e *segunda fase*. Feita a verificação dos elementos textuais e componentes das amostras escolhidas, passamos à análise contextual, para compreender melhor a base sobre a qual o discurso do veículo é composto.

2.1 Primeira fase

Para a análise da primeira fase, trabalharemos nas edições do dia 28 de março de 2013, quando foi veiculada a primeira cobertura do jornal *Zero Hora* a respeito das manifestações em Porto Alegre, e do dia 2 de abril de 2013, subsequente à nova manifestação após o reajuste da tarifa.

Quadro 1 - Textos das matérias e manchetes da primeira fase

MATÉRIAS - Ataque à Prefeitura: Pedras e baderna na Capital (28 de março de 2013) Protesto Parte 2 - Desta vez, menos confusão (2 de abril de 2013)	
Liderança	<p><i>28 de março de 2013:</i> ativistas, “grupo de esquerda comandou”, “partiu de indivíduos e movimentos com ascendente atuação política”, “convocado por estudantes e jovens ligados a PSOL, PT, PSTU e radicais anarquistas”, Bloco de Luta pelo Transporte Público, “não se limita a união de universitários”, “apoio de alas de funcionários das concessionárias do transporte público”, “adesão dos trabalhadores”, “DCEs se posicionaram à frente do movimento”, “bandeiras do PSTU foram vistas”, “integrantes dos chamados coletivos, como o Juntos, ligado ao PSOL”, “DCEs de PUC e UFRGS comandados em conjunto por militantes e simpatizantes do PSOL, PT e PSTU, além de anarquistas”, “um dos mentores do levante (...) integrante do coletivo Juntos e funcionário do gabinete da vereadora”, “A parlamentar (...) foi vista em frente à prefeitura”.</p> <p><i>2 de abril de 2013:</i> manifestantes, “mobilização de estudantes”, “prefeito (...) se reuniu com representantes da União Estadual dos Estudantes (UEE), e da União Gaúcha dos Estudantes (Uges)”, “faixas (...) trazidas pelo estudante de Letras da UFRGS (...), militante da juventude do PSTU”, “agitando bandeiras de partidos políticos como PSOL e PSTU, e de movimentos estudantis”, divergência estudantil, “justifica o tesoureiro geral da Uges”, “lideranças estudantis seriam de partidos da base aliada do governo”.</p>
Causa	<p><i>28 de março de 2013:</i> “contra a passagem de ônibus mais cara”, “contra aumento da passagem”, “oposição à direção do Sindicato dos Rodoviários”, “redução imediata do valor da passagem”, “repudiada a ideia do vínculo das manifestações com partidos políticos”, “grupo manifestou-se pela democratização da mídia”.</p> <p><i>2 de abril de 2013:</i> “contra o preço da passagem”, “-Nós repudiamos a reunião realizada”, “Quem não pula quer aumento”, “Mãos ao alto, esse aumento é um assalto”.</p>
Qualificação	<p><i>28 de março de 2013:</i> “O secretário [...] tentou negociar com centenas de pessoas”, “(vereadora) alega que foi ao local apenas para ‘mediar’ e serenar os ânimos”, “janelas de vidro do prédio histórico”, “cerrados dentro do Paço Municipal o vice-prefeito (...)”.</p> <p><i>2 de abril de 2013:</i> “Mas sem confrontos”, “Desta vez, menos confusão”, “em relativa tranquilidade, sem confronto entre policiais e manifestantes - apesar da dimensão aparentemente maior”, “a Guarda Municipal já guarnecia a porta principal”, “a Brigada Militar começou a ocupar as ruas do entorno”, “um jovem com rosto coberto [...] fotografou um por um os policiais”, “28 anos, com uma bandeira do Brasil amarrada no pescoço e nariz de palhaço, tentava entregar uma cópia da Constituição aos policiais”, “promessas do prefeito de promover um seminário aberto à população para esclarecer [...] além de permitir que estudantes façam parte da comissão”, “não houve tumulto”, “a marcha convocava a população a integrar o movimento e, de fato, reunia mais alguns adeptos”, “A multidão ocupou o terminal”, “sem grande confusão”.</p>

Quadro 1 - Textos das matérias e manchetes da primeira fase (continuação)

Desqualificação	28 de março de 2013: picharam, “ataque à prefeitura”, “Secretário [...] foi alvo de tinta”, “atingido com tinta”, “confusão”, “arremessadas taquaras, pedras, bolitas e frutas, que quebraram sete janelas”, “definiu o ato como de ‘animais querendo guerra’”, “explosão de fúria”, “depredação do prédio da prefeitura e de viaturas da Guarda Municipal”, “não permitem a ‘partidarização’ dos protestos”, “rejeitam o carimbo de violentos”.	
	2 de abril de 2013: pichações, coletivos pichados, bloqueios, contra, “Ao contrário da semana passada”, “Era reflexo da tensão da semana passada”, “tumulto no protesto anterior [...] quando pedras lançadas por manifestantes quebraram vidraças”, “nova mobilização prometia ser ainda mais tensa”, “salvo ovos jogados em direção de jornalistas”, “pichou ônibus e impediu que os veículos partissem do local”, “repetiu a dose”.	
Fotos	Total	Vandalismo
	28 de março de 2013: 03 2 de abril de 2013: 04	02 01

Na primeira cobertura, realizada no dia seguinte à decisão de aumentar a tarifa do transporte público e ao primeiro protesto, observamos um volume maior de registros elencados às categorias *Liderança* e *Desqualificação*. Transparece no texto a preocupação em responsabilizar, em encontrar culpados para a desordem registrada no item desqualificador. Cabe também observar que itens de qualificação só são identificados em relação a agentes externos, alheios às causas defendidas aos apontados como líderes. Nas imagens, a matéria traz duas que configuram vandalismo – vidraças quebradas e um secretário do Município sendo amparado por policiais após ter sido manchado por tinta vermelha – e outra, com manifestantes sentados no chão.

Já na cobertura do dia 2 de abril, após um protesto com mais adesão que o anterior, percebemos mais itens em *Qualificação*. Ainda assim, o jornal não qualifica plenamente. Todo elogio ou atribuição positiva ao ato, que foi realizado pacificamente, traz ressalvas, como comparações resgatando atos de vandalismo ocorridos no protesto anterior. Ainda é perceptível a preocupação em apontar lideranças. As imagens, dessa vez, trazem jovens protestando vigorosamente e, diferente da primeira cobertura, as faixas com reivindicações são exibidas na reportagem. Mesmo sem confronto, categorizamos uma das imagens como

Vandalismo pelo sentido – a imagem exhibe um numeroso batalhão de choque cercado o prédio da Prefeitura Municipal.

Outra análise pertinente para compreender a cobertura feita pelo veículo é a observação da composição da capa e do espaço dado ao fato, uma vez que o conteúdo das chamadas já foi incluso nas categorizações do quadro anterior. Aqui, analisamos a área destinada à cobertura na capa e as imagens escolhidas para apresentá-las ao leitor.

Quadro 2 - Elementos de capa da primeira fase

CAPA	
28 de março de 2013:	Fotos: 02
Área ocupada aproximadamente (percentual): (X) 25% () 50% () 75% () 100%	Vandalismo: 02 Protesto: 0
2 de abril de 2013:	Fotos: 01
Área ocupada aproximadamente (percentual): () 25% (X) 50% () 75% () 100%	Vandalismo: 0 Protesto: 01

Na capa da edição do dia 28 de março, a manifestação não surge como destaque principal, cuja posição é ocupada pela chamada para a matéria sobre um incêndio na reserva ecológica do Taim. Numa área menor, na parte central inferior da capa, surgem duas imagens abaixo da palavra “Depredação”: a maior, de um automóvel com vidros quebrados e a menor de um secretário do Município sendo amparado por policiais após ter sido manchado de tinta vermelha pelos manifestantes. Na edição posterior, sob a designação de “Novo Protesto”, uma imagem da multidão nas ruas, sem confronto, ocupa metade da capa.

Um terceiro levantamento que propomos para analisar a diferença entre as duas fases da cobertura é em relação à totalidade das edições, levantando dados quantitativos acerca do espaço dado ao assunto, pela contagem das páginas, traçando ainda um comparativo entre a cobertura local e a relevância atribuída aos atos no restante do Brasil.

Finalmente, partimos para uma análise mais ampla das edições, levando em consideração fatores que expressam o peso e a importância conferidos

aos eventos, a partir da classificação de editorias e um comparativo entre as manifestações locais e os eventos nacionais.

Quadro 3 - Análise geral das edições referentes à primeira fase

EDIÇÃO	
Cobertura Porto Alegre (Páginas de matérias sobre a manifestação local)	28 de março de 2013: 01 2 de abril de 2013: 01
Editoria:	28 de março de 2013: Geral 2 de abril de 2013: Geral
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	28 de março de 2013: 02 2 de abril de 2013: 03
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre e Brasil (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	28 de março de 2013: 02 2 de abril de 2013: 03

Nas duas edições que ilustram a primeira fase, foi dedicada uma página à cobertura das manifestações, que surgem na Editoria Geral. A área total soma a esta página a capa, na qual o fato também teve destaque, como observamos no Quadro 2 e, ainda, eventuais comentários em colunas, como ocorreu na edição do dia 2 de abril, em que o protesto rendeu comentários da colunista Rosane de Oliveira. Na área total, seriam contabilizadas todas as páginas dedicadas à cobertura das manifestações, independente do local. Os números permanecem os mesmos da cobertura de Porto Alegre, porque nesse período os protestos em outras capitais ainda não haviam começado.

2.2 Segunda fase

Faremos agora o mesmo processo de análise com os itens da amostra da segunda fase dos protestos, cujos eventos se concentram no mês de junho de 2013. Selecionamos as edições de *Zero Hora* dos dias 14 e 18 daquele mês. Poderemos observar que a cobertura apresenta, dessa vez, um contexto mais amplo, com o foco expandido às manifestações que ocorreram no restante do país.

Quadro 4 - Textos das matérias e manchetes da segunda fase

MATÉRIA	Atos de Vandalismo (14 de junho de 2013) Convulsão na Capital: Da Paz à Guerra (18 de junho de 2013)
Liderança	<p><i>14 de junho de 2013:</i> manifestantes, ativistas, porto-alegrenses, “alimentado pela internet e encorpado pelas imagens que rodam o planeta”, “na maioria jovens”, “anarquistas e ativistas sociais e estudantis, mesclados a militantes de partidos de esquerda”.</p> <p><i>18 de junho de 2013:</i> ativistas, “Um rapaz de bicicleta com uma bandeira do Brasil amarrada às costas, abordou um dos que cobriam a face”, “-Imbecil! Tu és da polícia! - gritou uma das jovens que havia posto o contêiner abaixo”, “- O que isso adianta? Só vão dar mais trabalho para os garis - respondeu um manifestante”, jovem, agressores, massa, “Tarso justifica a atuação da Brigada Militar”.</p>
Causa	<p><i>14 de junho de 2013:</i> “contra a tarifa de ônibus, mesmo que ela já tenha sido reduzida”, “solidariedade aos manifestantes cariocas e paulistas”, “motivações econômicas, como a crise financeira da Europa, que sacode a juventude”, “tentar reduzir ainda mais o valor da passagem”, “Se a passagem aumentar, a cidade vai parar”, “-Não se esqueçam que o protesto é contra o aumento da passagem”.</p> <p><i>18 de junho de 2013:</i> “-Sem violência! Sem violência!”</p>
Qualificação	<p><i>14 de junho de 2013:</i> “Tribunal de Contas do Estado manteve a tarifa de ônibus em R\$ 2,85, centenas saíram às ruas para manifestar e uma minoria cometeu atos de vandalismo”, “começou de forma pacífica”, “vinte e três manifestantes foram detidos - 18 homens e 5 mulheres”, “sucesso dos ativistas gaúchos”, “gestos repudiados pela maioria”, “-Mostra a cara! - gritava a maioria”, “não conseguiram, mas vaiaram seus colegas”, “A Brigada Militar e a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) acompanharam o trajeto”, “unidade da mobilização”, “onde a tropa de choque da BM fazia proteção”, “muitos não queriam confusão e quebradeira”, “mudança de postura da tropa de choque”, “reagiu com bombas e gás lacrimogêneo”, “não foram registrados feridos graves”.</p> <p><i>18 de junho de 2013:</i> “O Protesto”, “Milhares de pessoas saíram às ruas (...) para manifestações pacíficas”, “Brasil viveu a maior mobilização desde o Fora Collor”, “minorias quebraram”, paz, “começo pacífico”, “imensa massa pacífica”, “grupo isolado de encapuzados”, “motivar reação violenta da Brigada Militar”, “ato bem-humorado, criativo e ordeiro em frente a prefeitura”, “a maior parte da massa (...) não viu nada, mas quem estava à frente vaiou”, “manifestantes pacíficos reergueram o contêiner”, “Foram aplaudidos”, “Até então, a Brigada Militar acompanhava tudo à distância”, “foram impedidos por outros manifestantes”, “Brigada Militar interferiu depois da destruição”, “grande parte das pessoas não tinha noção do que havia acontecido”, “Acantonados na João Pessoa”, “A Brigada Militar, pouco a pouco, foi fazendo os ainda presentes recuarem”, “Os PMs pararam para logo reagir”, “cidadãos presos em carros e ônibus viveram momentos de pavor”.</p>

Quadro 4 - Textos das matérias e manchetes da segunda fase (continuação)

<p>Desqualificação</p>	<p><i>14 de junho de 2013:</i> “Passou do limite”, “protestos e violência na Capital”, “Contêineres incendiados, agências bancárias com vidros quebrados e ônibus pichados marcaram manifestações”, “Brigada prende pelo menos 20 após tumulto”, “atos de vandalismo”, “A noite acabou em vandalismo e 23 prisões”, “terminou em quebra-quebra”, “se radicalizou noite adentro”, “não se contentaram com a redução da passagem”, “há uma semana invadem as ruas”, “reprisaram aqui a depredação”, “bloqueou o trânsito”, “refrão entoado aos gritos”, “picharam a estação do trem e impediram que jornalistas registrassem os atos, ameaçando tirar-lhes os equipamentos”, “mascarados quebraram os vidros e viraram mesas de um bar”, “manifestantes atiraram pedras”, “algumas pessoas atearam fogo a contêineres”, “falta de comando [...] fez com que o tumulto começasse”, “manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-inglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis”, “promoveram quebradeira”.</p>		
	<p><i>18 de junho de 2013:</i> “A Batalha”, “Convulsão na Capital”, guerra, “se transformou em batalha campal”, “depredações, violência e confronto com a polícia”, “atos de vandalismo”, “incêndios, bombas de fabricação caseira e ataques a ônibus”, “bombas de gás lacrimogêneo, pânico, correria, choro e 38 prisões”, “deteriorar em violência”, “grupo de encapuzados, alguns portando paus e pedras, tomou a dianteira”, “ato fora do tom”, “picharam, arrastaram e derrubaram um contêiner”, “De pouco adiantou. O grupo de arruaceiros continuava à frente”, “chegou a haver briga entre os arruaceiros e os manifestantes”, “o primeiro prédio foi depredado”, “grupo interessado em tumulto continuou a destruir”, “ápice das depredações ocorreu no cruzamento com a Ipiranga”, “invadiu a loja”, “tentou furtar capacetes”, “confronto com a BM”, “depois da destruição”, “quando os policiais [...] começaram a atirar bombas de efeito moral”, “explosões soaram na noite, houve correria, gente sendo perseguida pelos cavalos dos policiais, jovens chorando sem saber para onde ir”, “iam embora decepcionados”, “confrontos se acirraram”, “quatro detenções”, “expulsá-los da Ipiranga”, “destruir um ônibus”, “empurraram o veículo em direção aos soldados”, “Eram 22h e a cidade tinha mais de 50 contêineres de lixo em chamas, um ônibus incendiado, ruas bloqueadas e confrontos por todos os lados”.</p>		
<p>Fotos</p>	<p>Total <i>14 de junho de 2013:</i> 05 <i>18 de junho de 2013:</i> 05</p>	<p>Vandalismo 05 03</p>	<p>Protesto 0 02</p>

O primeiro fato interessante de se observar nas duas coberturas é que nenhuma instituição com alguma legitimidade prévia é apontada como *Liderança*. Tampouco o Bloco de Lutas pelo Transporte Público é mencionado, numa ação que converge para a manutenção do *status quo* da falta de representatividade característica dos movimentos ditos espontâneos. Agora não há líderes entre os manifestantes. Há massa, há indivíduos e divergências. Em meio aos confrontos

e a exibição do caos, na contramão do que pulsa nas ruas, só há como legitimar o outro lado – ouvir o governador falar pela Brigada Militar.

A BM, inclusive, figura bastante no campo da *Qualificação* nesta fase, associada, na maioria das vezes, a palavras brandas, como “ocupar”, “acompanhar” e “proteger”. As próprias medidas violentas tomadas pelos policiais foram tratadas como “mudança de postura” e “reação”. E se as boas adjetivações foram empregadas aos policiais, no campo da *Desqualificação*, eles não estão tão presentes.

Na edição de 14 de junho, chamamos atenção para algo curioso no texto jornalístico – o juízo de valor, quase irônico, em relação à rejeição partidária e política existente nas manifestações, expressa pelo jornalista: “manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-inglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis”. Já na edição do dia 18, apesar de destacar a maior manifestação vivida desde o Fora Collor, o tom da cobertura do ato em Porto Alegre é de guerra. A única *Causa* identificada no texto é o cântico entoado de “sem violência”, antecedendo um cenário de guerra na rua onde fica localizada a sede do jornal.

As imagens ilustram o que o título já elucida. As cinco fotografias da primeira cobertura mostram ações e resultados de vandalismo, bem como a maioria das imagens da segunda matéria. Passemos à análise das capas:

Quadro 5 - Análise dos demais elementos das capas da segunda fase

CAPA	
14 de junho de 2013:	Fotos: 01
Área ocupada aproximadamente (percentual): () 25% () 50% (X) 75% () 100%	Vandalismo: 01 Protesto: 0
18 de junho de 2013:	Fotos: 02
Área ocupada aproximadamente (percentual): () 25% () 50% () 75% (X) 100%	Vandalismo: 01 Protesto: 01

O destaque dado aos protestos agora é maior, como fica explícito no Quadro 5. Se a edição de 14 de junho traz uma capa quase totalmente voltada ao “basta”, subentendido pela chamada “Passou dos limites”, sobreposta à imagem grande de um contêiner em chamas, a edição do dia 18 traz estampada na capa a dualidade do bem *versus* mal – “O Protesto” e “A Batalha”, sem deixar de

incluir o desfecho violento da manifestação, que predominou nas linhas da matéria “Convulsão na Capital: Da Paz à Guerra”. Ainda assim, a imagem da jovem de rosto pintado com o verde e amarelo e levantando um cartaz a frase “O dia vai raiar sem lhe pedir licença”⁹ se destaca mais que o ônibus em chamas logo abaixo. Talvez isso ocorra porque só agora o veículo resolve humanizar o protesto, destacando na capa uma imagem de *Protesto*, de valor positivo, ainda que acompanhada de uma imagem chocante de *Vandalismo*.

A mudança observada nesta edição marcaria as coberturas posteriores, que seguiram separando os integrantes do “protesto” (a palavra difundida nas redes sociais, que substituiu “manifestação”) dos agentes criminalizadores (os “vândalos”). As imagens complementam o que a análise de *Liderança* já denotava – não há órgãos de representação que falem pela massa; há vozes individuais.

Quadro 6 - Análise geral das edições referentes à segunda fase

EDIÇÃO	
Cobertura Porto Alegre (Páginas de matérias específicas sobre a manifestação local)	14 de junho de 2013: 02 18 de junho de 2013: 02
Editoria da cobertura	14 de junho de 2013: Especial 18 de junho de 2013: Especial
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	14 de junho de 2013: 03 18 de junho de 2013: 08
Área total ocupada por protestos em Porto Alegre e Brasil (Páginas, incluindo capa, matérias, colunas e editoriais)	14 de junho de 2013: 03 18 de junho de 2013: 17

Analisando a totalidade das edições da amostra, observamos que a cobertura das manifestações vai ganhando espaço no impresso. Na edição que aborda a primeira manifestação de junho, cujos destaques são atos de vandalismo em Porto Alegre, o espaço aumenta em uma página. Apesar de terem ocorrido atos em outras capitais brasileiras, o jornal limita-se à cobertura da manifestação da capital gaúcha. Entretanto, abandonando a Editoria Geral, o

⁹ Referência ao verso da música “Apesar de você”, de Chico Buarque. Lançada em 1970, disfarçada de briga entre namorados, a canção é mais uma das mensagens do artista à ditadura militar.

fato rende Reportagem Especial, em que se perpetua na edição do dia 18, também rendendo duas páginas para a cobertura local. O assunto ainda foi repercutido em outras seis páginas, dentre colunas, artigos e editoriais. Sem poder ignorar o volume de manifestantes nas ruas em todo o Brasil, *Zero Hora* noticiou os demais atos, agregando mais nove páginas ao tema. Agora, 17 das 48 páginas do jornal (excluindo os cadernos especiais) abordavam as manifestações.

3 A política da cobertura das manifestações e o impacto no espaço social

A pesquisadora Sylvia Moretzsohn, no artigo “Profissionalismo e objetividade: o jornalismo na contramão da política”, alerta a respeito da subjetividade do processo de apreensão dos fatos, no jornalismo, ao que podemos atrelar seu processo de reprodução, indicando “que o jornalismo não é o discurso da realidade (como diz ser), mas um discurso sobre a realidade. Desse modo, “[...] [as] interpretações fazem toda a diferença” (2002, p. 201). Portanto, os conteúdos veiculados devem ser analisados levando mais em consideração o viés político daquilo que reproduzem, baseado nas escolhas e intenções que sustentam os discursos, que propriamente o caráter de “veracidade” das informações.

Para prosseguir com a análise, vamos retomar a metodologia trabalhada no item “1.2”, referente ao marco teórico, que nos ajuda a entender a relação de influência exercida pela mídia sobre a sociedade e suas implicações políticas. Também cabe aqui discorrermos sobre as inferências acerca dos dados coletados e categorizados, que irão trazer informações baseadas no contexto da relação entre os manifestantes e o veículo, permitindo uma leitura além da descrição restrita ao conteúdo manifesto.

Na obra *Sobre a Televisão*, Bourdieu analisa a fundo a lógica televisiva do jornalismo e seus efeitos, que chega a considerar ameaçadores à vida política e à democracia, ao avaliar que “esses mecanismos concorrem para produzir um efeito global de despolitização ou, mais exatamente, de desencanto com a política” (1996, p. 139). Isso é o que verificamos desde o início na cobertura analisada, a partir do momento em que identificamos um discurso desqualificador da “agitação” percebida no espaço social.

Logo em março, as manifestações foram rotuladas com termos negativos e responsabilidades foram distribuídas, numa tentativa de atribuir o movimento a partidos e grupos políticos de esquerda, legitimando seus líderes como autores. Mas a busca não era focada em sujeitos responsáveis por refletirem num ato

público a reação emergida da sociedade em contrariedade ao aumento da tarifa de transporte público, que era um tema em destaque nas páginas da capital gaúcha, e sim, mais notoriamente, para atribuir a responsabilidade pela perturbação da ordem (*status quo*), vidros quebrados, pela tinta que manchou o funcionário do Executivo e pela ameaça de quem tentou deslegitimar instituições.

A cobertura seguinte, de 2 de abril, deixa isso mais claro. Mesmo após reunir o maior número, até então, de pessoas simpáticas à causa, transcorrendo de modo surpreendentemente (conforme aludiu o veículo) pacífico, foram feitas insistentes comparações com o ato anterior, resgatando os itens de desqualificação e deixando de aprofundar a compreensão acerca do movimento em eclosão, para reforçar o estigma do vandalismo. Além disso, líderes estudantis ouvidos pelo prefeito e também os que ficaram de fora da reunião voltaram a ser legitimados como lideranças pelo jornal.

A desqualificação e tentativa de rotular e desapropriar socialmente o fenômeno, não foi à toa. “O jogo político é um assunto de profissionais, para encorajar, sobretudo nos menos politizados, um desengajamento fatalista evidentemente favorável à manutenção da ordem estabelecida” (BOURDIEU, 1996, p. 142).

Nas coberturas da segunda fase, acontece uma reviravolta na forma de como a mídia passa a lidar com as manifestações. Vale destacar que os veículos de comunicação, como componentes do campo midiático, estão em permanente diálogo com os demais campos e que suas posições refletem em todo o espaço social. À medida que a mídia se apropria e reinterpreta os fatos, “o campo jornalístico produz e impõe uma visão inteiramente particular do campo político, que encontra seu princípio na estrutura do campo jornalístico e nos interesses específicos dos jornalistas (ou veículos) que aí se geram” (BOURDIEU, 1996, p. 133).

Com o fenômeno das ruas ganhando força, a despeito das tentativas de manutenção do *status quo* evidentes na primeira fase da cobertura, a mídia precisa saber jogar para manter sua posição dentro do espaço social – até porque, neste momento, ela é subjugada pelo movimento, vendo, portanto, sua reprodução ameaçada. Em Porto Alegre, os confrontos entre a polícia e os manifestantes ocorriam repetidamente nas imediações da sede do jornal. Em outras capitais, também não foram raros os episódios de hostilidade a veículos e profissionais de imprensa.

Nesta fase, observamos que o *Zero Hora* abre mais espaço às manifestações, mais especificamente na edição de 18 de junho, que determinaria a nova

linha seguida nas coberturas posteriores. Isto acontece no mesmo momento em que a defesa da redução da tarifa de ônibus, atribuída originalmente aos movimentos políticos de esquerda, deixa de ser identificada em *Causas*. Neste momento, por mais que o texto não transcrevesse o conteúdo de cartazes e das novas verbalizações, entraram em campo questões além da alçada do governo municipal, chegando, inclusive ao “Fora Dilma”.

Pela primeira vez, então, o jornal quantifica as manifestações (ex: “Milhares de pessoas saíram às ruas”) e ainda as qualifica com referências da história nacional recente, como na chamada de capa “Brasil viveu a maior mobilização desde o Fora Collor”, em que observamos, pela primeira vez, uma referência unitária do movimento em nível nacional, trazendo a palavra qualificadora “viveu”, a ideia de levante trazida pela – também inédita – palavra “mobilização” e o “Fora Collor”, impulsionado nos anos 1990 pela grande mídia, sobretudo pela Rede Globo, com a qual o jornal tem vínculo indireto.

Outras análises da repercussão das manifestações na mídia dão conta de uma mudança generalizada na postura dos veículos dominantes:

No que diz respeito à mídia tradicional, usualmente alinhada com o status quo, a mudança no tom é chamativa: ela, que chamava os manifestantes de “vândalos” e “rebeldes sem causa”, agora os chama de “heróis” e “campeões da democracia”. Deve-se notar, portanto, que enquanto os protestos passaram, eles próprios, para um posicionamento político diferente daquele de origem, a mídia decidia que era hora de apoiá-los, não de denunciá-los (PINTO, 2013, p. 158).

As mídias, então, consolidam-se como importantes agentes políticos, cuja atuação transcende o campo midiático à medida que suas ações geram impacto na totalidade do espaço social. Legitimadas pela amplitude do próprio capital cultural (podemos acrescentar aqui ainda o capital econômico, uma vez que veículos como *Zero Hora* são componentes de espécies de conglomerados de comunicação, monetizados principalmente com recursos advindos de anúncios publicitários), as mídias desenvolvem um novo tipo de capital simbólico, que é o de dar visibilidade, tornar público e legitimar discursos a respeito de como as coisas *são* e sobre como *devem ser*, a partir da ordem ideal para a manutenção da sua própria posição e reprodução.

Considerações finais

Verdade, imparcialidade e objetividade são alguns dos pilares da ética jornalística e tidos como princípios que devem balizar o trabalho dos jornalistas.

Na prática, trata-se muito mais de uma crença a respeito do jornalismo, com base no que a sociedade espera que seja o seu papel: a mediação entre os indivíduos e o espaço social, a fiscalização das instâncias de poder e a denúncia de eventuais abusos cometidos que venham a lesar o bem comum. Não buscamos aqui expressar uma visão apocalíptica a respeito da concretude destes pilares, mas é preciso enxergar a ação da mídia muito além deles e desconstruir o mito de que os jornais são porta-vozes da realidade, concebendo o seu conteúdo como um discurso a respeito dela.

Podemos chegar a essa conclusão fazendo uma leitura crítica dos textos que são publicados diariamente, em qualquer editoria ou, ainda, de qualquer veículo, seja ele impresso ou não. A escolha de palavras, imagens ou espaços, denota posição, o que é inerente a qualquer instituição que seja detentora de poder e que esteja interessada em mantê-lo.

Na análise da cobertura realizada pelo jornal *Zero Hora* sobre as manifestações de junho, os métodos utilizados – análise de conteúdo e análise contextual com base em um marco teórico voltado à concepção da mídia como agente político no espaço social –, deixam clara a mudança de posicionamento do discurso, que abordava o fenômeno da forma mais conveniente ao momento. Primeiro, a tentativa direta de manutenção do *status quo* era mais clara, com narrativa sobre a perturbação da ordem no espaço social em detrimento da retratação da luta social que tomava forma através do movimento, até que ele cresceu. Como que por magnetismo, todos os campos se voltaram para ele, fazendo surgir um rolo compressor de poder simbólico, sem uma direção definida a seguir. O jornal *Zero Hora* abriu o espaço demandado, reconheceu o fenômeno como movimento social, reproduzindo a atmosfera de indignação despolitizada que logo cairia no “desengajamento fatalista”, referido por Bourdieu, como condição ideal de retomada do *status quo*. Quer dizer que a mídia precisou se posicionar para tirar o “rolo compressor” da sua rota de colisão e tentar assumir a sua condução para onde fosse conveniente, tanto para composição da sua legitimidade social da sua condição de produtora cultural (campo de produção simbólica – da notícia) quanto para a manutenção e reprodução da condição do seu próprio negócio (campo econômico).

Onde há poder, há disputa. O espaço social abriga o cotidiano, o indivíduo, o coletivo e, nesse entremeio, uma luta constante de agentes políticos. Nesse revezamento de forças, a tomada de posição por parte da mídia é algo natural, embora não seja totalmente consciente pelo coletivo. Para assegurar sua reprodução, sua linha discursiva terá compatibilidade com as forças que

garantam as condições para a manutenção do seu próprio poder. E poder, para recapitular, só existe quando é reconhecido pela maioria.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análisis de Contenido*. 3. ed. Madri: Akal, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papyrus, 1996.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

HALL, Stuart et al. A produção social das notícias: o mugging nos media. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999. p. 224-247.

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise do Conteúdo em Jornalismo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 123-142.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 199-222. Disponível em: <http://facom.ufba.br/jol/pdf/2007_palacios%20elias_metodologia_GJOL.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2014.

MORETZSOHN, Sylvia. “Profissionalismo” e “objetividade”: o jornalismo na contramão da política. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (Coord.). *Imprensa e Poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 199-216.

PINTO, O. L. V. Os protestos no Brasil, ou sobre como a passagem de ônibus revelou contradições. *The International Journal for Badiou Studies*, Leeds, v. 2, n. 1, p. 156-159, jun. 2013.

RIO GRANDE DO SUL. Governo do Estado. Hábitos Relacionados ao Jornal. In: Foco Opinião e Mercado. *Pesquisa de Opinião Pública*. Florianópolis: Foco Opinião e Mercado, 2013. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/pdf/14911176.pdf>>. Acesso em: 09 nov. 2014.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1989.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999. p. 91-100.

TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999.

WEBER, Max. A Política como Vocação. In: WEBER, Max. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 53-124.

Data da submissão: 03/09/2015

Data do aceite: 10/10/2015